

**Eixo: Por uma Ética nas Relações –  
Aprender a Conviver em Comunidade**

**Seminário  
Educação em Tempos  
de Reparação  
2024**

O Seminário Educação em Tempos de Reparação teve como palestrantes docentes e profissionais da Educação Básica do Colégio João XXIII, compartilhando por meio de relatos a apresentação de pesquisas, práticas e narrativas de trabalhos (concluídos ou em andamento) com enfoque na formação entre pares. Os trabalhos foram inscritos em eixos temáticos que dialogam com a reflexão sobre como podemos (re)construir a Escola. Para cada eixo foram selecionados trabalhos para apresentação oral.

### **Eixo: Por uma Ética nas Relações – Aprender a Conviver em Comunidade.**

Conviver eticamente, em consonância com valores democráticos e o exercício da cidadania, é algo que pode ser aprendido (Parrat-Dayan)<sup>1</sup>. A escola, como fórum público, insere-se como espaço social por excelência para a promoção dessa aprendizagem e para o desenvolvimento da personalidade ética (Tognetta)<sup>2</sup> em sentido mais amplo, abarcando suas dimensões cognitiva, afetiva e moral (Vinha et al.)<sup>3</sup>. Ao tomar em mãos seu papel na formação integral de crianças e jovens, a aprendizagem de uma ética nas relações é compromisso pedagógico e político da escola, tanto para com as/os estudantes e demais membros de sua comunidade quanto para com o mundo partilhado para além dos espaços e tempos escolares. Este eixo busca colocar sobre a mesa (Masschelein)<sup>4</sup> o tema da convivência ética e democrática na escola e de sua aprendizagem, dando-o visibilidade e convidando os participantes a refletir sobre práticas realizadas na/pela comunidade escolar e de marcos teóricos que as sustentam.

<sup>1</sup> PARRAT-DAYAN, Sílvia. A discussão como ferramenta para o processo de socialização e para a construção do pensamento. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 45, p. 13-23, 2007.

<sup>2</sup> TOGNETTA, Luciene. A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com afetividade na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

<sup>3</sup> VINHA, Telma; NUNES, Cesar; SILVA, Livia Maria; VIVALDI, Flavia; MORO, Adriano. Da escola para a vida em sociedade: o valor da convivência democrática. Americana, São Paulo: Adonis, 2019.

<sup>4</sup> MASSCHELEIN, Jan. Fazer escola: a voz e a via do professor. In: Elogio do professor. LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen Christine; CUBAS, Jaqueline Jaques. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

**Trabalhos apresentados:**

A Tutoria no Cotidiano Escolar: (rel)ações que se fortalecem .....	3
Tutoria: relação pedagógica que possibilita a construção de uma comunidade de Aprendizagem.....	8
A Egrégora como espaço gerador de relações de parceria.....	11



## A Tutoria no Cotidiano Escolar: (rel)ações que se fortalecem

Matheus Fernandes Zoch de Moura<sup>1</sup>

Paolo Franciozi Pinto<sup>2</sup>

Palavras-chave: Formação integral; Tutoria; Viver em sociedade.

Vivemos um tempo na educação em que a prática docente tem se mostrado cada vez mais desafiadora; é um momento em que as demandas que recaem ao professor superam, muitas vezes, o trabalho realizado apenas em sala de aula com os estudantes. Ser professor não é apenas transferir conhecimentos (Freire, 2009), pois o ser professor envolve outras questões inerentes aos sujeitos que se encontram em uma mesma sala de aula. Tal ofício requer engajamento e um (re)pensar de nossas práticas diariamente, além de exigir coragem e resistência para superar desafios que permeiam os contextos educacionais em que atuamos (Mason, 2002). O processo de reflexão que parte das escolhas pedagógicas deve ser constante, prática que exige exercício, tempo e planejamento.

De acordo com Duarte (2007), a educação é a base fundamental de qualquer sociedade que preze por boas condições de desenvolvimento e bem-estar para crianças e adolescentes. Jacques Delors, economista e político francês, escreveu o relatório chamado “Educação, um tesouro a descobrir”, na década de 90, em que traz quatro pilares para a educação no século XXI: aprender a *conhecer*, aprender a *fazer*, aprender a *conviver* e aprender a *ser*. Megale (2020) aponta que o trabalho do professor do século XXI deve buscar valorizar as diferenças, sejam elas linguísticas, políticas, sociais, étnicas ou de gênero. Todos esses aspectos devem aparecer não apenas em uma escala pedagógica, para fins curriculares, mas em um debate maior cujas questões de sociedade e humanidade são centrais. Assim, o pilar “aprender a ser”, de Delors, se desdobra atualmente na escola de uma maneira que não fica

---

<sup>1</sup> Professor de Língua Inglesa do Colégio João XXIII

Pós-graduado em Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa (Uniritter) e Mestre em Linguística Aplicada (UFRGS)

<sup>2</sup> Professor de Educação Física do Colégio João XXIII

estritamente preso ao papel de formação acadêmica dos estudantes, mas que está atrelado às contribuições que o ambiente escolar oportuniza para a formação das crianças e dos jovens.

O (con)viver em sociedade começa a se estabelecer nas relações que se constituem no âmbito familiar (Satin & Klafle, 2011), mas muito da noção do pertencer e viver em grupo é reforçada e validada, de fato, nas conexões entre pares que os estudantes estabelecem no decorrer de sua vida escolar. Contudo, conforme surgem novas demandas e novos conteúdos do currículo obrigatório que as escolas devem abordar, principalmente quando os jovens estão próximos dos exames para ingressarem na universidade, o foco na formação atitudinal desses estudantes acaba perdendo espaço, sem receber a devida atenção e investimento merecidos. José Pacheco (2019) reforça que a aprendizagem não está centrada no professor, nem no aluno: está centrada na relação, porque ninguém aprende sozinho. Precisamos, assim, alinhar pensamento, palavra e ação.

No intuito de seguir investindo no desenvolvimento dos jovens, na mesma intensidade em que esse trabalho sistemático acontece nos Anos Iniciais no Colégio João XXIII, a Escola investe, desde 2020, na figura de um(a) professor(a)-tutor(a) para cada série (antigamente, para cada turma), responsável por acompanhar os estudantes por um ano letivo inteiro em questões pedagógicas, individuais e relacionais. Escolhido pelas equipes de Coordenação, Supervisão e Psicologia, esse(a) professor(a) referência atua como elo entre diferentes frentes, sempre buscando realizar ações em sintonia a partir das necessidades das turmas.

A tutoria estabelece vínculos entre os diversos agentes e protagonistas da Escola, fazendo com que aconteça um estreitamento nas relações entre os professores, os estudantes e as famílias. Partilhar estratégias de aprimoramento das aprendizagens, estabelecer uma escuta para criar ambientes seguros e benéficos para as interações, traçar metas e organizações de rotina de estudos e potencializar qualidades individuais que agregam no coletivo também são funções da tutoria.

As escolas possuem características próprias que moldam sua identidade e revelam, a partir de suas demandas e propostas pedagógicas, a intencionalidade do trabalho nas ações dos docentes. São diversas as proposições que envolvem os estudantes como protagonistas de suas aprendizagens e responsáveis pelos afazeres de sala de aula, como o processo democrático de escolha dos representantes de turma, que se inicia com a criação das plataformas de propostas feitas pelos concorrentes ao cargo, a apresentação das suas intenções para os colegas e, ao serem eleitos, se estabelece a cooperação com o tutor para a integração com os objetivos e pretensões da turma. Nessa constituição de escuta ativa, as assembleias, que se apresentam como reuniões organizadas em formato de círculo, debatem pautas colocadas pelos estudantes em envelopes caracterizados por assuntos que a turma anseia discutir ou elogiar, recebendo inscrições de fala e sendo descrita em ata para que o grupo da turma encontre coletivamente caminhos para solucionar situações problemas ou enaltecer ações que beneficiaram os indivíduos envolvidos.

O diálogo com as famílias tem se tornado fundamental na articulação dos processos educacionais: encontros coletivos são agendados durante o ano letivo, facilitando a cooperação com a rotina de sala de aula, a compreensão do trabalho dos professores e aparando dúvidas dos responsáveis pelos estudantes. São necessários também os encontros individuais, sejam nos momentos de devolutivas do desempenho do estudante no semestre ou por decorrência de situações que precisam do apoio e sintonia com a família.

Algumas temáticas são planejadas e elaboradas conforme as peculiaridades da instituição, dos anos ou séries e das demandas que aparecem no percurso do ano letivo, tais como o currículo EREER, as dinâmicas de socialização, os instrumentos de organização para as avaliações e atividades escolares e a colaboração nas relações pessoais. Todas essas práticas mobilizam o planejamento dos encontros assegurados nos horários escolares das turmas e dialogam com o Projeto Político Pedagógico do Colégio João XXIII.

Este trabalho tem como objetivo, portanto, compartilhar os benefícios da ação do(a) professor(a) tutor(a) mediando as questões que envolvem a rotina escolar junto à Equipe Técnica, professores, estudantes e suas famílias. Além disso, visa apontar estratégias e

temáticas que fazem parte do currículo de tutoria com as turmas e como essas ações acabam impactando as relações éticas e do conviver em sociedade, tanto dentro quanto fora da Escola.

Desde a instauração do trabalho ativo do(a) professor(a) tutor(a) com as turmas da Escola, percebem-se ganhos significativos no cotidiano escolar, seja antecipando situações com estudantes, turmas e famílias ou mediando quaisquer situações mais desafiadoras que surjam no decorrer do ano letivo, tanto no âmbito do percurso individual dos estudantes quando do coletivo. Por meio das diversas ações desse(a) professor(a) referência, as famílias têm sido convidadas a serem parceiras dos processos educativos no quais seus(suas) filhos(as) se inserem, participando das ações promovidas pela Escola, fortalecendo os seus elos com ela e aumentando a relação de confiança no trabalho da Equipe Pedagógica. Já no que diz respeito às turmas e suas demandas, o trabalho do(a) professor(a) tutor(a) tem sido essencial para que os estudantes percebam enquanto um grupo, resolvendo suas questões relacionais e avançando em pontos sensíveis que, possivelmente, ainda precisam de ajustes. Dessa maneira, tendo em vista o potencial transformador do trabalho do currículo da tutoria na Escola e suas inúmeras vantagens, ela segue ganhando espaço desde sua implementação nos Anos Finais e Ensino Médio, contribuindo de forma efetiva nas diversas questões que atravessam, e desafiam, o dia a dia no João XXIII.

### Referências

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DUARTE, Clarice. A educação como um direito fundamental de natureza social. **Revista Educação e Sociedade**, edição 28, Out 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MASON, J. **Qualitative Researching**. SAGE Publications, 2002.

MEGALE, A. **O que é uma perspectiva decolonial de ensino em/de inglês?** Richmond. São Paulo, 2020.

PACHECO, José. **Que teorias da mudança são valorizadas? Que tecnologias de mudança são focadas?** Porto: Porto Editora, 2019

SANTIN, Gisele; KLAFKE, Teresinha. **A família e o cuidado em saúde mental**. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2011.



## **Tutoria: relação pedagógica que possibilita a construção de uma comunidade de Aprendizagem**

Sofia Sanvicente Nazario<sup>1</sup>

Palavras-chave: Comunidade; Relação pedagógica; Tutoria.

Neste trabalho, objetiva-se refletir de que maneira a relação pedagógica estabelecida na tutoria entre o(a) professor(a) e os(as) estudantes potencializa a construção de uma comunidade de aprendizagem. Para isso, através de um diálogo conceitual com a autora bell hooks, buscarei encontrar pontos de contato entre suas ideias e a prática docente da tutoria no Colégio João XXIII.

hooks (2017) é uma grande defensora da sala de aula como um espaço de construção comum, em que professores(as) e estudantes precisam estar engajados para que uma aula funcione, ou seja, para que ela seja um espaço de vínculo e aprendizagem de ambas as partes. Deste modo, a autora aponta que é preciso questionar os espíritos docentes desencarnados em sala de aula na pretensão de uma falsa neutralidade. Os(as) professores(as) que amam os(as) estudantes e são amados por eles(as) são vistos de forma suspeita, como se a existência de sentimentos fosse um empecilho para avaliá-los de maneira mais objetiva, “mas essa noção se baseia no pressuposto falso de que a educação é neutra, de que existe um terreno emocional “plano” no qual podemos nos situar para tratar a todos de maneira igualmente apaixonada” (HOOKS, 2017, p.262). Esta cisão entre corpo e mente diz respeito a uma estrutura educacional cartesiana e colonial que, infelizmente, está enraizada no ocidente, sobretudo no contexto brasileiro. Entretanto, é na prática docente que se percebe, mesmo se desejada, a impossibilidade desta neutralidade. É no cotidiano da

---

<sup>1</sup> Formação: Graduada em Ciências Sociais /Licenciatura /UFRGS, é mestre em Educação pelo Programa de Pós - Graduação em Educação da UFRGS na linha de pesquisa Aprendizagem e Ensino, no Grupo de Pesquisa Estudos sobre aprendizagem INventiva, saberes NÔmades, devires MInoritários, cognição eNAtiva e ARtesanias docentes (INOMINAAR/PPGEDU/UFRGS). Atualmente é doutoranda no PPGEDU na mesma linha e grupo de pesquisa. E-mail: sofinazario@gmail.com

sala de aula em que a aula acontece. É neste espaço que conhecemos os(as) estudantes: suas paixões, seus medos, suas angústias, suas fragilidades e suas potências.

Muitas vezes, tendo em vista as obrigações curriculares e os deveres burocráticos, não há condições de possibilidade para que o(a) professor(a) construa um espaço comum com os(as) estudantes, um lugar em que seja possível dar vazão para suas questões mais profundas: individuais e coletivas. Mas elas sempre estão ali. Assim, o espaço da tutoria entra como esta possibilidade de um estreitamento da relação pedagógica em que professor(a) e estudante conseguem construir um vínculo que potencialize seu desempenho escolar e sua formação para cidadania, sendo possível a coexistência do trabalho duro com a alegria (HOOKS; SCAPP, 2017, p. 206).

No desenho curricular do João XXIII – a partir dos seus princípios pedagógicos cidadãos, democráticos e inclusivos – a tutoria ocorre como um encontro quinzenal com as turmas de uma das séries da Educação Básica e promove assembleias, organização de espelho de classe (quando necessário) e momentos formativos. Em conjunto com isso, o(a) tutor(a) realiza, sistematicamente, reuniões com as famílias dos(as) estudantes para poder traçar estratégias pedagógicas e socioemocionais que visem auxiliá-los. Na prática das assembleias e dos momentos formativos, fazem-se necessários dois movimentos: a humildade do(a) professor(a) em dar um passo atrás (abrindo espaço para o(a) estudante) e a coragem do(a) estudante em dar um passo à frente (sentindo-se confortável para expor suas ideias).

Portanto, para que esses movimentos se tornem possíveis, a sala de aula precisa ser um espaço democrático em que vaidades e inseguranças sejam suspensas e se crie um comum entre os presentes, de tal forma que produzam um ambiente onde a partilha, a formulação de dúvidas e a proposição de novos arranjos sejam possíveis. Ao mesmo tempo, essa não é uma tarefa simples, já que, muitas vezes, este espaço da escuta é confundido com o espaço da

reclamação ou de posturas individualistas em uma lógica de educação-mercadoria. Para que isso não ocorra, é importante também que a palavra circule e, assim, ouvirmos os diferentes posicionamentos, e não apenas os daqueles(as) que amam ouvir sua própria voz (HOOKS, 2017). Essa pedagogia engajada às vezes é bastante dolorosa e perturbadora. hooks aponta que uma educação como prática da liberdade faz com que os(as) estudantes precisem sair da zona de conforto e pensar a partir de novos paradigmas. Já as reuniões com os familiares possibilitam ao(à) tutor(a) conhecer a bagagem daquele(a) estudante de maneira a criar um vínculo com a sua história. Essa proximidade, além de ampliar a dimensão afetiva, oportuniza a construção de estratégias pedagógicas para que eles(as) possam vencer desafios e ampliar potencialidades.

Concluo, portanto, do que foi possível observar na tutoria realizada até o presente momento, que essa prática é uma possibilidade de construção democrática do fazer pedagógico ou, melhor, do que hooks define como uma comunidade de aprendizagem: um propósito coletivo em que todos são iguais, não de maneira simétrica, já que isso seria um autoengano, mas onde todos, estudantes e professores(as), têm igual responsabilidade e comprometimento com a criação de um contexto de aprendizagem (HOOKS; SCAPP, 2017, p. 206).

## Referências

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

## A Egrégora como espaço gerador de relações de parceria

Joana Hennemann<sup>1</sup>

Matheus C. Pozatti<sup>2</sup>

Palavras-chave: Adolescência; Círculo; Comunidade; Escuta ativa; Parceria; Intimidade.

A escola é um local de construção de cidadania e um ambiente onde as relações humanas se estabelecem e produzem costumes, ações e formas de se relacionar. Pode ser produtora de democracia se estiver atenta à construção de estratégias respeitadas e espaços de ações que corroborem a convivência constituída na operacionalidade da aceitação mútua, em que o outro é aceito como um outro legítimo. Relações humanas instigam o desenvolvimento das habilidades socioemocionais ao longo do desenvolvimento humano, porém necessitam de ambientes que facilitem e promovam relações de confiança para que a convivência social traga experiências capazes de dar suporte a esta aprendizagem.

O ambiente escolar é um território de encontros, descobertas de si, do outro, do mundo, de cuidado, afeto e pode viabilizar maneiras parceiras de viver, onde o cuidado consigo e com o outro é um valor exercitado e o lugar de poder é empreendido para dar poder aos demais. Justamente da pré-adolescência buscamos nos reconhecer como seres contribuintes e aceitos no coletivo, aceitação que só é possível no reconhecimento de si como alguém digno, em um momento de muita mudança física e psíquica. Neste ensejo, a Egrégora feminina e a Egrégora masculina são espaços semanais de encontro entre jovens do 7<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup> ano ao longo do semestre

---

<sup>1</sup> Professora do Projeto Trilhas

Psicóloga, Clínica Analista Transacional, Arteterapeuta e Facilitadora de Círculos Femininos e Comunicação Não Violenta. E-mail: joanahennemann@gmail.com

<sup>2</sup> Professor do Projeto Trilhas

Psicólogo Clínico, Formação em TEAC, Facilitador de Círculos Masculinos e de Danças Circulares. E-mail: matheuscpozatti@gmail.com

que visam contribuir no aprendizado e promoção de uma prática amorosa, entendendo aqui o amor como ação da combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança no cuidado consigo, com os outros e com o meio. Este percurso ocorre no turno inverso às atividades escolares, dentro da proposta das "trilhas", num espaço dividido entre jovens mulheres e jovens rapazes, para que juntos aos seus semelhantes possam trazer suas experiências, dúvidas, temores, sentimentos e reflexões sobre a pré-adolescência e adolescência em suas multiplicidades de acordo com suas necessidades latentes.

Cada encontro busca dedicar-se a uma cultura democrática profunda, onde todas as vozes, estados e percepções são importantes e necessárias. São abordados temas trazidos pelo grupo, bem como assuntos pré-estabelecidos, como empoderamento feminino, sororidade, ciclos femininos, o que é ser homem e o que é ser menino, entre outros, com o cuidado de formar um espaço seguro, promover atitudes em busca de diálogos profundos e inclusivos, dar espaços para visões contrárias, explorar sentimentos e tensões e criar campo coletivo que acolha realidades diversas. Segundo Bell Hooks (2022), "Construir comunidade requer consciência vigilante do trabalho que devemos fazer continuamente para minar toda a socialização que nos leva a nos comportar de maneiras que perpetuam a dominação". Para construir uma sociedade amorosa, precisamos reafirmar o valor de termos nossa própria voz e verdade e estarmos dispostos a ouvir as vozes e verdades uns dos outros. No entanto, precisamos de espaços seguros e de éticas de cuidado mútuo, onde a escuta seja um exercício constante e um valor a ser diferenciado do simples ouvir. Uma educação para a parceria requer ênfase em um contexto educacional que promova modelos de relações de cuidado mútuo, integrando práticas socioemocionais de combate a violência e opressão, nas suas formas mais sutis.

A escuta é fundamental nesse processo, criar espaços que legitimem nosso sentir e o outro na convivência, permitindo reflexão coletiva de tudo o que pede passagem nessa etapa de tantas transformações e descobertas. A escuta requer decisão de ouvir e se atentar ao outro, abrir espaço ao outro e sua voz, seus valores, sua percepção e sentir. Para isso, buscamos sentar em círculo utilizando-se do "bastão

da fala”, instrumento que busca a fala a partir do coração, dando espaço para cada um comunicar sua expressão autêntica, seja a partir do sentir, do pensar, do intuir ou das percepções. Uma ferramenta a ser exercitada é a busca pela suspensão dos julgamentos moralizantes. A busca por deixar de lado condenações e classificações, acolhendo o ponto de vista do outro como um ponto de vista sagrado, assim como todos, independentemente de nossa concordância, é uma via para construirmos laços fortes de intimidade e confiança uns com os outros.

Aos poucos a escuta atenta e profunda abre espaço a falas, questionamentos, expressões autênticas, que vão construindo a "Egrégora", soma de todos os pensamentos, sentimentos, percepções e intuições, que levam a uma maior compreensão e entendimento do todo. Prestar atenção ao que tem sentido e significado a cada um, dignificando seus sentimentos e entendendo nossas necessidades humanas universais, ser sensível a si e ao outro, amplia nossa consciência de nós mesmos, dos outros e do nosso entorno. Esse exercício da percepção de nós mesmos através de processos e reflexões trazem a consciência de se ver responsável por nossos pensamentos, sentimentos e ações e ter mais escolhas frente às situações. Fomentamos, assim, a autonomia de cada um a partir da consciência de si e do outro, vinda da aceitação, a permissão para a espontaneidade e a intimidade, aprimorando seu campo relacional. Ao abrir nossa história individual aos outros, permitimos que eles se liguem a nós, encontrando pontos em comum conosco e nos conhecendo melhor.

Segundo Kay Pranis, quando as pessoas partilham histórias de dor, erros e vulnerabilidade, deixam cair camadas protetoras e revelam-se como seres vulneráveis e batalhadores, fica mais difícil manter a distância daquele outro e deixar de sentir a ligação existente em função da humanidade comum que nos une. Fica mais difícil apegar-se à raiva, medo ou indiferença, desmanchando preconceitos e nos aproximando. Contar histórias a nosso respeito é um processo de reflexão sobre nós mesmos, esclarece o nosso modo pessoal de compreender aquilo que nos aconteceu e afetou, como vemos a nós mesmos e aos outros. A pré-adolescência e a adolescência que atravessam a todos os participantes podem ser sustentadas com

empatia frente às suas questões e multiplicidades de formas, refletidas em cada um, em conexões autênticas e transformadoras. Esta é a prática e o convite dos encontros, cultivar e exercitar habilidades e hábitos para relações baseadas em empatia e respeito em lugar de controle e submissão.

## REFERÊNCIAS

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Ed Elefante, 2020.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Ed Palas Athenas, 2011.

LEU, Lucy. **Exercícios de comunicação não violenta**: um guia prático para estudo individual ou em sala de aula. São Paulo: Ed Ágora, 2023.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada**: nosso passado, nosso futuro. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

STOCK, Bianca Sordi. **A escola como ambiente facilitador do desenvolvimento socioemocional**. Porto Alegre: Ed. do Autora, 2021. [E-book].